

**FUTEBOL – “EU NÃO QUERO MAIS SER PROFISSIONAL. QUERO  
RETORNAR A MINHA CONDIÇÃO DE AMADOR!”  
QUE HISTÓRIA É ESSA?\***

**Dr. JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES**

Universidade Federal de Viçosa – Viçosa – MG – Brasil  
jgsalles@ufv.br

**Dr. ANTONIO JORGE G. SOARES**

Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
ajsoares@globo.com

**Ms. TIAGO LISBOA BARTHOLO**

Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tbartholo81@hotmail.com

**RESUMO**

O objetivo do artigo foi analisar um dos dilemas vividos por alguns atletas profissionais de futebol nessa última década: o direito de reversão à condição de amador, como um mecanismo para manter-se usufruindo dos benefícios financeiros que o *status* amador pode proporcionar. O abandono do profissionalismo se sustenta inicialmente em três perspectivas: a) buscar de uma remuneração estável em outra profissão, através da sua competência esportiva representando a empresa empregadora nas ligas de futebol amador; b) direito a salários informais em clubes de futebol amador; e, c) adquirir passe livre para um novo recomeço em outro clube profissional. Nessa direção, tentaremos analisar a resignificação do amador na estrutura organizacional do futebol brasileiro. Utilizamos como fonte documentos oficiais da CBF, artigos em jornais e uma entrevista com um ex-atleta profissional que solicitou a entidade à reversão à condição de amador. A análise demonstra que: a) o mercado do futebol não se limita as principais ligas e existem outras formas de exercício da profissão que a estrutura legal do futebol insiste em classificá-la como amadora apesar da dinâmica social; b) o mecanismo da reversão demonstra anacronismo e adaptação diante das relações de trabalho ampliadas pelo mercado do futebol de empresa.

**Palavras Chave: Futebol, Profissionalização, Reversão, Amador.**

O futebol entendido como fenômeno social aglutinador de massas se relaciona diretamente com o processo de industrialização e metropolização<sup>1</sup> das principais cidades do início do século XX. Sua expansão pelo mundo foi fruto da expansão dos negócios do império britânico. Da condição de esporte utilizado e cultivado como passatempo da elite e/ou como atividade

---

\* Este artigo é embasado no Capítulo XIII da tese: Entre a paixão e o interesse – amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro. Salles, José Geraldo do Carmo. Rio de Janeiro. UGF. 2004. Este artigo foi apresentado no Congresso da FIEP em 2006 com o seguinte título: Soccer: the reinstatement of the professionalism - what is this story? The Fiep Bulletin Foz do Iguaçu. .vol 76 – Série 1. 249-253p.

<sup>1</sup> Estamos utilizando esse neologismo no sentido descritivo para explicitar o rápido movimento migratório e o desenvolvimento das cidades centrais da Europa e também de alguns países da América Latina em função dos mercados locais e internacionais que se formam a partir de meados do Século XIX. Mandell (1986) destaca aspectos importantes que fomentaram o crescimento dos esportes no Brasil e em outros países das Américas: a aparição das grandes metrópoles unidas por uma extensa rede de comunicação e transportes, as constantes experimentações de novas tecnologias, os novos sistemas de produção industrial e a predisposição favorável dos Governos.

pacificadora da juventude estudantil inglesa, rapidamente foi apropriado pela classe operária se transformando num espaço de divertimento, de formação da masculinidade<sup>2</sup>, de aposta e como meio de sobrevivência. Isso não quer dizer que para a elite o futebol era apenas um lugar de distinção para formar o civilizado homem inglês ou de qualquer outra nacionalidade. Acredito que o *ethos* do homem urbano e civilizado pode ser descrito em uma das suas dimensões como busca de excitação e de segurança, conceitos que a primeira vista parecem contraditórios parecem formar uma dialogia se pensarmos na direção de ELIAS (1993).

Se entendermos cultura como um local de luta de afirmação de significados entre indivíduos, grupos, classes e entre indivíduos ou subgrupos dentro de um mesmo grupo ou classe, poderemos deduzir que a elite não pode ser homogeneizada e nem singularizada. Nesse sentido, mesmo entre as elites dirigentes do esporte algumas tensões em relação à organização e desenvolvimento parecem ter extrapolado as fronteiras nacionais. No caso do futebol, poder-se-ia pensar que o discurso amador<sup>3</sup> defendido por parte da elite significava para além da manutenção da distinção social e de emulação de *status*, no sentido de VEBLEM (1974), uma luta moral de controle das apostas dentro da própria elite. Como sabemos o final dessa história, o futebol rapidamente ganha as massas e os dirigentes vêem que o esporte se desenvolve como um espetáculo associado a incipiente indústria do entretenimento nas metrópoles.<sup>4</sup> O discurso ou ideal amador não é de maneira alguma varrido do campo do esporte, ele é absorvido e resignificado no processo de profissionalização. Torna-se polissêmico e passa a ser critério para definir o ideal do jogo limpo, no *Fair Play*, do amor do atleta por seu clube e pelo esporte, além de outros significados positivados. Todavia, o conceito permaneceu na organização esportiva por muito tempo como critério de demarcação de mercado de trabalho e de lazer e como critério avaliativo para julgar o rendimento de equipes e jogadores. Nesse último caso o amador é aquele que pratica o esporte com baixa competência ou rendimento.

Observemos que a profissionalização do futebol abriu o mercado de trabalho para aqueles que tivessem virtuosos corporais com a bola – independente da origem social – e, conseqüentemente, o diálogo, muitas das vezes conflituoso, entre atletas e dirigentes esportivos na discussão de contratos e salários. Independente da clara relação capital-trabalho, os campos do esporte e de outras atividades artísticas tiveram problemas em explicitar a relação capital-trabalho.<sup>5</sup> Aqui o discurso amador sempre serviu com um contrapeso a favor dos dirigentes, já que o atleta ou o artista deve antes de tudo demonstrar amor por sua arte, vínculos com sua comunidade e, conseqüentemente, sua arte é o local de desenvolvimento da subjetividade do gênio. Apesar da relação capital-trabalho ter se naturalizado em quase todas as esferas da vida social que pressupõe algum tipo de trabalho, deve se lembrar que essas transformações no futebol e no campo dos esportes em

---

<sup>2</sup> Ver Archetti (2003).

<sup>3</sup> Uma espécie de código moral. O cidadão de bem na prática esportiva não deveria competir com objetivos financeiros.

<sup>4</sup> A elite que desenvolvia e/ou controlava o esporte, logo se deu conta de que somente com os próprios recursos ficaria inviável manter o bom nível do jogo como forma de espetáculo financiado, bem como administrar a infraestrutura dos clubes.

<sup>5</sup> Essa discussão demandaria mais espaço. Os motivos devem ser analisados em termos da história e do *habitus* desenvolvido no campo esportivo e artístico e as formas que essas atividades entram no mercado.

geral provocaram inúmeros conflitos e transtornos ao longo do tempo. “O profissionalismo parece ter surgido como uma nova regra que se impunha na organização esportiva, principalmente pela valorização do espetáculo. O profissionalismo seria a viabilidade de comercialização deste espetáculo. A imagem espetacular passou a produzir interesses e valores diferenciados.” (SALLES, 2004, p.461).

A proposta deste artigo é atentar para um dos dilemas vividos por alguns atletas profissionais de futebol nessa última década: o direito de reversão à condição de amador, como um mecanismo para manter-se usufruindo dos benefícios financeiros que o *status* amador poderá proporcionar, bem como manter o sonho de se profissionalizar novamente em outro momento. Nessa direção, tentaremos analisar a resignificação do amador na estrutura organizacional do futebol brasileiro. Parece contraditório diante da dificuldade de se abrir as portas para se conseguir o primeiro contrato profissional. Ao abrir mão da profissionalização estará livre para um novo recomeço sem perder a esperança que o mundo do futebol poderá proporcionar. As nossas fontes são documentos oficiais da CBF, artigos em jornais e uma entrevista com um ex-atleta profissional que solicitou a CBF à reversão à condição de amador<sup>6</sup>.

No ano de 1997 o Jornal Folha de São Paulo divulgou em Cadernos Especiais uma série de reportagens denominada de País do Futebol.<sup>7</sup> Nessas reportagens, veiculadas diariamente, apresentaram-se inúmeros dados do alcance do futebol na sociedade brasileira, tais como: envolvimento econômico em torno do jogo; número de clubes que surgem pelo Brasil anualmente; salário dos jogadores; comportamentos de torcedores, entre outros.

Em uma dessas reportagens, Marcelo Damato demonstrava que o abismo econômico criava um mundo de poucos milionários e milhares de miseráveis.<sup>8</sup> Na memória do cidadão comum, os dados apresentados parecem diferentes diante da representação popular de que os jogadores de futebol são cidadãos muito bem sucedidos economicamente (SALLES e SOARES, 2003). Observemos na nota nº 4 que números recentes são similares àqueles apontados por Damato.

Entre as inúmeras discussões e dados apresentados por esse jornal na época, com gráficos e números comparativos, chamou-nos a atenção à manchete: “Atletas voltam a ser amadores em busca de melhores salários” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23-02-1997, p.3). A princípio, pareceu-nos mais uma frase de efeito para receber a atenção dos leitores, uma estratégia do editor.

<sup>6</sup> Esse ex-atleta profissional, que solicitou não ser identificado, narrou uma história bem similar as que encontramos nos jornais. Todavia, apresentou outros argumentos que enriqueceram nossos apontamentos. O informante é natural de Ponte Nova, MG. Está hoje com 28 anos, casado, tem dois filhos e continua tendo o futebol como sua condição de sobrevivência. Joga recebendo gratificações das equipes para representá-las em campeonatos regionais. Estudou até o 2º ano do segundo grau, mas pretende terminar a formação e cursar uma faculdade de Educação Física, pois acredita que seu caminho é o mundo da bola.

<sup>7</sup> Folha de São Paulo, 23 de fev. de 1997. Caderno Especial: País do futebol, p.3.

<sup>8</sup> Referências salariais dos jogadores brasileiros através dos contratos registrados na CBF.

Valores de referências (Em salários mínimos)	1996 (*)	2000 (**)	2002 (**)
1 SM	50,8	44,91	47,29
1 a 2 SM	30,2	41,63	35,12
2 a 5 SM	8,2	5,82	8,4
5 a 10 SM	4,1	2,79	3,54
10 a 20 SM	2,4	1,5	2,05
+ de 20 SM	4,3	3,35	3,57

Fontes: (\*) Folha de São Paulo: País do Futebol. Encarte Especial 23 de fev/1997. (\*\*) O Globo: O retrato de uma ilusão chamada futebol. 25 de mai/2003, p.21.

Afinal, como conseguir melhores salários no espaço amador? Parece que estamos diante de um paradoxo ou de uma aparente contradição se tomarmos o conceito tradicional de amador no campo esportivo. A batalha encampada pelos percussores do profissionalismo nas décadas de 20 e 30 poderia ser vista na contra-mão da história se analisada fora do contexto de resignificação do mercado no futebol (CALDAS, 1990; SALLES, 2004).

A reportagem demonstra em número reais que, a cada ano no Brasil, milhares de jogadores abandonam a profissão. “Cerca de mil deles fazem isso de forma oficial” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23-02-1997, p.3), solicitando a CBF um novo registro de amador, o que é chamado de “reversão”. Essa possibilidade é fundamentada pela própria CBF, em suas *Normas Orgânicas do Futebol Brasileiro* (NOFB), resolução nº 01/91.<sup>9</sup> O site oficial da instituição traz a informação de que essa reversão está sobre a responsabilidade do *Departamento de Registros e Transferência*. Quais seriam as justificativas para um jogador optar por essa situação, uma vez que sabemos das dificuldades de entrar para o seleto grupo de profissionais do futebol?

A reportagem colocava que essa reversão “significa quase sempre o abandono de um sonho – conquistar fama e fortuna no futebol.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23-02-1997, p.3) Mas por qual motivo abandonar os sonhos?

O editor da reportagem diz acreditar que esse abandono se dê na perspectiva de buscar “uma renda estável em outra profissão ou até um salário informal num clube de amador” (FOLHA DE SÃO PAULO 23-2-1997, p.3). Por que então solicitar o desligamento oficial, uma vez que juridicamente o jogador de futebol não é proibido de exercer outra profissão de forma regulamentar pelas leis do trabalho? Obviamente que as empresas não estariam interessadas apenas no trabalhado formal destes indivíduos, da mesma forma que ocorria com os empregadores de jogadores de futebol nos anos 20 e 30 do século passado.

Uma das justificativas desta reversão estaria nas ligas de futebol amador, que em algumas regiões do país apresentam maior interesse dos que os campeonatos oficiais. Estar liberado, através da reversão, pela CBF significa o direito de jogar nestas ligas, representando uma empresa que poderá lhe oferecer um emprego estável. O artigo 255º da NOFB estabelece as condições necessárias para que se possa processar esta reversão:

“Art. 255º - A reversão com transferência, para integrar quadro de associação de futebol classista, far-se-á com imediata condição de jogo, desde que:

- a) Haja concordância da associação com a qual o atleta manteve o último contrato;
- b) O contrato tenha terminado, por decurso de prazo ou por rescisão, há mais de trinta ou há mais de noventa dias, respectivamente;
- c) Prove o atleta, com carteira de trabalho regularmente anotada e assinada, ser empregado da empresa há mais de 180 dias.”

---

<sup>9</sup> Livro IX, Capítulo I – Da Transferência de Atletas Profissionais. A seção IV (Da Reversão) pertence ao Título IV (Das Transferências, remoções, reversões, contratos, registros e inscrições) das NOFB, resolução aprovada pela diretoria, em 21 de fev./1991, e sancionada pelo Presidente Ricardo T. Teixeira.

Outros atletas, no entanto, recorrem à reversão acreditando que com este retorno a classe amadora poderá estar liberado para firmar novo contrato. Neste caso, a reversão permitiria abandonar o vínculo com o clube que o mantém preso ao seu quadro de atletas, que muitas das vezes não o utilizará como membro da equipe de competição<sup>10</sup>, inviabilizando, desta forma, a realização de uma transferência ou um contrato mais vantajoso. A reversão para alguns poderá tornar-se uma nova perspectiva profissional dentro do esporte, não ficando no ostracismo, sem boa remuneração (ou nenhuma), apenas numa equipe de treino. Significaria a possibilidade de continuar sonhando e estar em alguma vitrine no mundo do futebol.

O artigo 258º estabelece o prazo de 720 dias contados da data de reversão para que o atleta profissional revertido a amador possa novamente integrar uma equipe de profissionais. Vejamos que permanece o sonho de conseguir uma nova equipe e se estabelecer no futebol profissional. Entretanto, o atleta deverá esperar quase dois anos sem poder fazer parte de competições oficiais. Para os atletas mais novos, talvez esta solução seja a possibilidade de retorno ao esporte. Aos jogadores considerados veteranos,<sup>11</sup> talvez o tempo que deverá permanecer fora dos gramados seja crucial.

Alguns atletas que solicitam a reversão sonham poder firmar um contrato internacional em países que ainda não apresentam grandes tradições no futebol, conforme relata o agente Viana<sup>12</sup>: “Número jogadores decepcionados com as possibilidades de conseguirem um bom contrato no Brasil, buscam a solução em países sem expressão no mundo da bola. Após a reversão muda-se para alguns países onde o sonho possa continuar” (VIANA, 2000).

O diretor do *Departamento de Registro e Transferência* da CBF, Sr. Luiz Vieira, disse que, geralmente, a idade elevada é o fator que mais influenciava na reversão, porém, muitos jovens também solicitavam a volta à condição de amador. Sr. Vieira justificava que essa contra-mão do profissionalismo se devia ao baixo salário e também às brigas dos jogadores com seus clubes. Segundo Sr. Vieira, embora os clubes possam questionar essa reversão, argumentando acerca do direito adquirido sobre a compra do jogador e/ou sobre sua formação, os jogadores sempre têm os pedidos atendidos.

Antonio Galante, agente da FIFA, argumenta que “infelizmente os clubes, em sua grande maioria, não preparam os jogadores que não são aproveitados. Muitos foram tirados de suas famílias, muitas pobres e vêem-se da noite para o dia sem casa, comida e convívio social.” (O GLOBO, 23-05-2003, p.50)

O desligamento da condição de profissional do futebol abre as portas para que alguns jogadores sejam contratados por empresas em diversos segmentos econômicos que estão “mais interessadas em seu futebol do que na sua competência na nova profissão” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23-02-1997, p.3). A reportagem afirmava que as indústrias os contratavam preocupadas com a

---

<sup>10</sup> Exemplo deste vínculo pode ser visto no quadro de atletas registrados na CBF pelo Palmeiras e Vitória - BA. No dia 6 de abril de 2004 a CBF divulgou que o Palmeiras mantém o registro de 140 atletas, sendo que outros oito (3 novos contratos e 5 atletas emprestados) não apareciam nesta lista. O Clube Vitória - BA mantém 104 atletas sob contrato (Jornal Lance, 23 de abr. /2004, p. 6). Uma equipe de “ponta” no futebol brasileiro geralmente utiliza, em média, 30 atletas por competição (Jornal dos Sports, 19 de fev./2002, p. 13).

<sup>11</sup> No futebol, o atleta que se aproxima dos 30 anos passa a ser considerado veterano.

<sup>12</sup> Viana, Marco A. (2000). Ainda há esperança...O sonho não acabou! Acessado em: 19 de fev./2002. [www.gabineteesportivoglobal.com.br/noticiariobrasil](http://www.gabineteesportivoglobal.com.br/noticiariobrasil)

disputa dos Jogos Operários, “no qual o título rende prestígio para o dirigente da empresa que o conquista.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23-02-1997, p.3) Vejamos que essa situação também era comum nos anos 20. Os sócios endinheirados dos principais clubes empregavam em seus estabelecimentos comerciais os jogadores que faziam parte da equipe de futebol do seu clube (CUNHA s/d: 83). Todavia, naquele momento, o emprego dos jogadores era uma forma burlar as leis que proibiam que desocupados e desempregados pudessem participar das competições oficiais (PEREIRA, 2000). Agora o processo é inverso. Se por um lado, o jogador revertido vê neste retorno a condição de amador, a possibilidade de um emprego estável numa empresa, por outro, a empresa que o contrata deseja com esse ex-profissional do futebol possa melhorar a competência esportiva de sua equipe, sem necessitar utilizar os mecanismos do passado.

O processo de reversão tornou-se muito comum, embora pareça receber pouco destaque na mídia. A imprensa esportiva tem dificuldades de incorporar o jornalismo investigativo. Vejamos os números os quadros a seguir:

Quadro 03 - Número de atletas que solicitaram oficialmente a reversão de profissional para amador entre 1992 e 2002 <sup>13</sup>

Ano	1992	1993	1994	1995	1996	2002 <sup>14</sup>
Nº de reversão	1091	1225	1318	993	1010	1034

Fontes: Folha de São Paulo - Especial País do Futebol, 23 de fev./1997, p.3

Os dados de 1997 foram apresentados detalhadamente por região e por Estado (Quadro 04):

Quadro 04 – Números absolutos de jogadores que foram profissionalizados (P) e de jogadores que solicitaram a reversão (R) na CBF

Sul	P	R	Nordeste	P	R
Paraná	122	75	Alagoas	82	0
Rio Grande do Sul	199	81	Bahia	140	29
Santa Catarina	91	89	Ceará	204	20
			Maranhão	55	0
<b>Sudeste</b>			Paraíba	28	0
Espírito Santo	45	31	Pernambuco	242	11
Minas Gerais	140	96	Piauí	36	0
Rio de Janeiro	418	68	Rio Grande do Norte	94	85
São Paulo	683	333	Sergipe	76	1
<b>Centro-Oeste</b>			<b>Norte</b>		
Distrito Federal	98	40	Acre	30	0
Goiás	99	16	Amazonas	62	0
Mato Grosso	24	11	Amapá	1	7
Mato Grosso do Sul	45	11	Pará	72	4
			Rondônia	18	0
			Roraima	57	0
			Tocantins	50	9

Fonte: Folha de São Paulo - Especial País do Futebol, 23 de fev./1997, p.3

Observemos que nas regiões economicamente mais desenvolvidas do Brasil (Sudeste e Sul), onde estão os principais clubes profissionais de futebol, também se localizam os principais parques industriais. De acordo com os quadros apresentados, constata-se que nestas regiões também ocorriam os maiores números de solicitações de reversão. Vejamos que, no Estado de São

<sup>13</sup> Folha de São Paulo, 23 de fev./1997, Caderno Especial: País do futebol, p.3.

<sup>14</sup> Relatório Anual da CBF - Ano 2002.

Paulo, ocorreu 48,75% de reversão em relação ao número de jogadores que se profissionalizaram. Em Santa Catarina, o número foi ainda mais expressivo, onde a proporção profissionalização em relação à reversão foi de 97,80%. Esse estado merece estudos locais para entender melhor esse fenômeno e a cultura do futebol de empresa.

No ano de 2002,<sup>15</sup> 4.778 jogadores foram registrados como profissionais e 6.529 rescindiriam o contrato com seus clubes. Neste mesmo ano, também 1.034 jogadores solicitaram a reversão para o amadorismo.

A reportagem da Folha de São Paulo traz ainda como ilustração a trajetória de Reinaldo Xavier, que foi jogador do Palmeiras nos anos de 1982 e 1983. Reinaldo foi um destes atletas que, após percorrer alguns clubes do interior Paulista e ser vendido para uma equipe do Oriente Médio, solicitou a CBF a reversão do seu *status* de profissional e retornou oficialmente à condição de amador, colocando fim em uma carreira iniciada nos juniores do Coritiba do Paraná, em 1980.

Antes de conseguir a reversão, porém, havia solicitado o passe livre acreditando que pudesse se transferir para outras equipes. O passe livre seria a sua possibilidade de continuar sonhando com o mundo da bola, buscando um novo contrato profissional que pudesse atingir suas expectativas de atleta. Entretanto, como não obteve êxito e estava desempregado, teve que se mudar para Taubaté, cidade de origem da família de sua esposa, localizada no interior paulista. Desfeito o sonho de continuar como profissional esportivo através do passe-livre, Reinaldo via a oportunidade de trabalho em uma montadora da Volkswagen e sabia que essa possibilidade seria viável pela sua habilidade com os pés. Todavia, ainda registrado como profissional na CBF, não poderia jogar pela equipe da Volks na Liga Amadora de Taubaté, fato que motivou o pedido de reversão. O próprio Reinaldo declarou não saber como se processava essa situação e, por isso, um diretor da Liga de Taubaté cuidou de tudo. Reinaldo passou a ser um operário da empresa multinacional, que passou a representar na liga amadora.

Outro caso semelhante pode ser descrito através das declarações de nosso entrevistado.<sup>16</sup> Para ele, o futebol continua ainda sendo um objetivo, embora suas fala revela presságios e desapontamentos. Sua trajetória foi de certa forma comum a de outros jogadores. Passou por uma “peneira”<sup>17</sup> no Cruzeiro de Belo Horizonte aos 14 anos, mas não tinha recursos para permanecer na capital. Desiludido, retornou a Ponte Nova até conseguir ir para Campinas no interior paulista.

Conta o entrevistado que acreditava que ali sua vida esportiva começaria. Conseguiu seu primeiro contrato profissional aos 16 anos, ganhando um salário mínimo: “Na época o que me pagavam era suficiente para eu me manter, pois eles me davam comida e moradia. Morava em uma pensão com mais alguns atletas do clube” Começou a buscar uma vaga na equipe profissional, mas sempre criava algum atrito com os técnicos e acabava por ficar fora da equipe principal. Relata que foi, várias vezes, dispensado por indisciplina. Teria tentado também que o clube negociasse seu passe com outro clube, mas tal proposta era sempre recusada.

---

<sup>15</sup> Relatório Anual da CBF. Departamento de Registros e transferências. (2002).

<sup>16</sup> Ver descrição do entrevistado na nota 6

<sup>17</sup> É prática no Brasil, os clubes de futebol realizarem testes com crianças e adolescentes, conhecidas como “peneiras”, que objetivam identificar novos talentos para o futebol.

A tentativa de se entrar para a equipe profissional durou até os 18 anos, quando um dirigente local perguntou se ele não estaria disposto a jogar na liga amadora. Sem entender muito claramente do que se tratava, acabou convencido e confirmando o interesse. Segundo ele, não sabia que seria tão complicado abandonar o clube que mantinha seu registro na FPF<sup>18</sup>. Daí, uma batalha para conseguir a liberação oficial através da justiça desportiva, uma vez que já estava comprometido com as regulamentações oficiais da profissão e o clube não admitia liberá-lo. Conseguiu a liberação em 1998, aos 20 anos de idade.

Passou a jogar nas ligas amadoras em 1999 e a cada temporada representava um clube diferente. Ficou no interior paulista durante 4 anos, recebendo para jogar por diversos clubes. Embora tivesse conseguido a possibilidade de trabalho em uma empresa de eletrônica, optou por não aceitar, pois o que lhe interessava mesmo era o futebol. Atualmente continua sonhando com a possibilidade de deixar o país. Disse ainda que, ao estar com o passe livre possibilitaria um novo contrato, e que dessa vez acreditava que seria internacional. Diz: “Um empresário está arranjando para mim um contrato em uma equipe na China.” Enquanto isso joga em clubes amadores da região de Ponte Nova, região de origem que retornou após o falecimento do pai. Declarou que recebe por jogo e por produtividade. A cada jogo é negociado um valor, bem como o valor por cada gol que marcar. Tais valores variam entre 100 e 200 reais. Afirmou que toda semana joga pelo menos 3 vezes.

Podemos chegar as seguintes conclusões, pelas reportagens e a história relatadas, que (a) o mercado do futebol não se limita as principais ligas e existem outras formas de exercício da profissão que a estrutura legal do futebol insiste em classificá-la como amadora apesar da dinâmica social; (b) o mecanismo da reversão demonstra anacronismo e adaptação diante das relações de trabalho ampliadas pelo mercado do futebol de empresa. Por fim, as elites dirigentes do esporte insistem em controlar um mercado que se ampliou e proletalizou o sonho de ascenso social de boa parte dos meninos brasileiros quando se tornam adultos no campo de trabalho.

## Referências

ARCHETTI, E. P. Masculinidades: Fútbol, tango y pólo em la Argentina. Buenos Aires. Antropofagia, 2003.

CALDAS, W. O pontapé inicial – memória do futebol brasileiro. (1894 – 1933) São Paulo. Ibrasa, 1990.

CUNHA, L. B. A verdadeira história do futebol brasileiro. Rio de Janeiro. Editora Publicitária, Comunicação e Marketing Ltda. s/d

ELIAS, N. O processo civilizador: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Vol II, 1993.

---

<sup>18</sup> Federação Paulista de Futebol. Segundo o informante, demorou aproximadamente um ano entre a solicitação e a liberação.

DAMATTA, R. Brasil: Futebol tetracampeão do mundo. Pesquisa de campo. Revista do Núcleo de sociologia do futebol / UERJ. nº 1. Deptº Cultural/SR. Rio de Janeiro, 1995.

MANDELL, R. D. Historia cultural del deporte. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1986.

PEREIRA, L. A. M. *Footballmania* – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2000

SALLES, J. G. C. Entre a paixão e o interesse – amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro. UGF. 2004

SALLES, J. G. C.; SOARES, A. J. G. Soccer, the game of passion - Memories of Brazilian fans. The FIEP bulletin, Foz do Iguaçu/PR, v. 74, p. 418-422, 2004.

VEBLEM, THORSTEIN (1974). A teoria da classe ociosa – Um estudo econômico das instituições. Os pensadores. Rio de Janeiro. Abril. Cultural.

### **Jornais**

FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de fev./1997, Caderno Especial: País do futebol, p.3.

JORNAL DOS SPORTS, 19 de fev./2002, p.13.

JORNAL LANCE, 23 de abr./2004, p. 6.

O GLOBO, 25 de mai./2003, p.21.

### **Documentação eletrônica**

AWI, Fellipe. & CASTRO, Lúcio de. (2003). O retrato de uma ilusão chamada futebol. *In: Nos porões do futebol*. Jornal o Globo, Primeiro Caderno. Rio de Janeiro. (p.50)

CBF. Normas Orgânicas do Futebol Brasileiro. Resolução nº. 01/91 Livro IX, Capítulo I – Da Transferência de Atletas Profissionais. [www.cbfnews.com.br](http://www.cbfnews.com.br). (Acessado em: 20 de ago. /2002)

RELATÓRIO ANUAL DA CBF. (2002). Departamento de Registros e transferências. [www.cbfnews.com.br](http://www.cbfnews.com.br). (Acessado em: 20 de ago. /2002)

VIANA, Marco Aurélio (2000). Ainda há esperança... O sonho não acabou! Internet: Acessado em: 19 de fev. /2002. [www.gabineteesportivoglobal.com.br/noticiariobrasil](http://www.gabineteesportivoglobal.com.br/noticiariobrasil)